

65

O crescimento espectacular registado no sistema universitário espanhol durante o século XVI não poderia ter ocorrido num vazio educacional ou cultural. A expansão das universidades foi suportada por um desenvolvimento pouco documentado do ensino secundário, que se tornou mais acessível e atractivo. O acesso mais generalizado ao ensino pôde contribuir para aumentar as taxas de alfabetização das camadas menos privilegiadas da sociedade, precisamente numa altura em que a imprensa disponibilizava livros a preços suportáveis para as classes populares.
What happened when the vulgo, as the Spanish called the uneducated classes, began to read?

66

Eram os gostos culturais das classes mais baixas diferentes dos das elites?
Tentaram os impressores e livreiros espanhóis satisfazer as preferências destes novos leitores?
Qual a relação a estabelecer entre o crescimento do público consumidor de livros e o mais dinâmico período da literatura espanhola?
Como podem ter-se dado estas mudanças precisamente no auge da Contra-reforma, precisamente quando o medo da palavra impressa se difundia, bloqueando o crescimento da literacia nos países católicos?
No seu estudo *Studies and Society in Early Modern Spain* (1974), Kagan conclui que, apesar do boom da universidade, a grande maioria da população espanhola permanecia totalmente iletrada. Investigações mais recentes, no entanto, permitem-nos compreender melhor o impacto da chamada revolução da educação na vida cultural deste país. As ligações podem ser estudadas a partir da análise da difusão da literacia em Espanha durante a Alta Idade Moderna, mostrando depois o efeito da literacia popular sobre o mercado livreiro de Castela, e explorando a relação entre o estatuto sócio-económico e as preferências literárias. Finalmente, as alterações na vida cultural de Castela devem ser avaliadas no contexto dos valores imperantes da Contra-reforma.

I. Increased Literacy and its causes

67

Referência aos estudos anteriores sobre esta matéria e à diversidade das fontes em que cada um se baseou; de todas elas, a mais fiável parece ser a presença de assinaturas nos processos inquisitoriais.
A popularidade da leitura teve uma primeira fase de desenvolvimento entre os anos de 1407 e 1458, quando, segundo os estudos de J. N. H. Lawrence, a nobreza castelhana começou a coleccionar livros. Este impulso é anterior à difusão da imprensa.

69

Durante o século XVI, a capacidade de leitura estendeu-se às camadas mais baixas da sociedade espanhola; os níveis de literacia para este período parecem ser bem mais elevados do que os investigadores começaram por supor.
Em meados do século XVII, em Madrid, 69 % dos homens sabiam assinar o seu nome; em Toledo, entre 1601 e 1650, 62 % dos homens processados pela Inquisição tinham igualmente esta capacidade.
Os níveis de literacia relativos às mulheres são bastante mais baixos e de base menos segura, visto elas raramente aparecerem nos documentos usados para estes estudos.

70

Entre os processados pela Inquisição nascidos antes de 1510, apenas 1 em 11 afirmava saber ler. Na geração seguinte (nascidos entre 1511 e 1530), já 1 em cada 4 o afirma. Podemos assim dar conta da significativa expansão da literacia ao longo do século XVI.
Sabe-se pouco, no entanto acerca de como aprenderam os ordinary Spaniards a ler. Uma primeira hipótese aponta para o impacto da imprensa: Did more plentiful and less expensive books help to spread literacy?
É importante recordar que, ainda que estejam ligadas, a literacia e a posse de livros não são equivalentes. No século XVI era perfeitamente possível aprender a ler sem se possuir um único livro, mediante o acesso apenas às cartillas de leer, de preço muito reduzido.

72

Em meados do século XVI, as autoridades eclesiásticas de Espanha decidem impedir a livre circulação de livros religiosos impressos: em 1551 é publicado o primeiro Index. Na década de 1560, coincidindo com o despontar das guerras de religião em França e os motins nos Países Baixos, os Inquisidores, num contexto de maior desejo de controle das ideias religiosas, começam a interrogar sistematicamente os réus sobre idas ao estrangeiro. Estes tinham ainda de declarar se sabiam ler e escrever, e como tinham aprendido a fazê-lo. Depois de 1570, eram também obrigados a revelar se tinham livros e quais os seus títulos.

73

O objectivo principal da Inquisição castelhana, originalmente estabelecida em 1478 para punir os cripto-judaizantes, desviou-se, na segunda metade do século XVI, para o combate à expansão das ideias Protestantes entre os cristãos-velhos. Em termos práticos, esta ideia levou à censura dos livros e das ideias, e a um maior cuidado em assegurar a pregação e a interiorização dos valores católicos.
Muitos processos forma movidos contra indivíduos por «crimes» como a blasfémia ou o afirmar que a fornicção não é um pecado.
Apenas 16 % dos processos envolvem realmente acusações de judaísmo ou protestantismo.

74

A considerável disparidade entre a literacia e a posse de livros (muito superior a primeira) sugere que deve ter havido outros estímulos, para além dos livros impressos, neste processo de difusão em Espanha das capacidades de ler e escrever durante o século XVI.
Referência à expansão do ensino «secundário».
Há numerosos exemplos da evolução do ensino do Latim, cujo conhecimento era um pré-requisito para o acesso à universidade.
Em 1584, um oficial da universidade de Salamanca notava que os estudantes já não se deslocavam a esta cidade para aprender Latim, porque este era agora ensinado em todas as cidades de maior actividade comercial (market towns).
Se o desenvolvimento do ensino do Latim está documentado, o mesmo não se passa já com a concomitante evolução da escolaridade elementar.
Há algumas referências a escolas em cidades castelhanas, tanto para alunos que pagavam o ensino como para rapazes órfãos, o número destas, no entanto, não é possível de estabelecer.

75

Teoricamente, a Igreja era responsável pela educação primária. Os regulamentos de várias dioceses e arquidioceses contemplam a educação paroquial religiosa, em que se inclui o ensino das primeiras letras. No entanto, durante o século XVI, surgem numerosos mestres leigos para preencher as lacunas que necessariamente existiam.
O ensino do Latim estava disponível apenas nas cidades mais importantes, onde dominaram os Jesuítas, após o estabelecimento de colégios, sobretudo a partir da segunda metade do século.
Nos processos de Inquisição, as formas de aprender a ler relatada pelos réus eram várias:
com o padre ou sacristão, na Igreja (a forma tradicional de fazer esta aprendizagem);
em escolas, ou com um mestre;
em casa, com um membro ou amigo da família (era assim que aprendia a ler grande parte das raparigas);
através do autodidactismo (que era extremamente raro).

76

Os registos diocesanos e inquisitoriais demonstram que, durante o século XVI, o interesse pela leitura se estendeu bem para além das grandes cidades. As cidades pequenas e mesmo algumas vilas, situadas em zonas agrícolas ricas e densamente povoadas, contratavam mestres ou atraíam professores free-lancers.
Nos maiores centros, muitas das novas fundações foram inspiradas pelos reformadores católicos, como SS. João de Ávila e Inácio de Loyola, determinados a aumentar o nível de instrução religiosa dos fiéis. No entanto, nas povoações mais pequenas, a educação estava sobretudo a cargo de leigos.
Whatever the means used, more Castilians than ever before were learning to read. What would be the impact of these marginally educated readers on Castile's book-market?

II. Sixteenth-Century readers and the market for books

Alguns autores que se debruçaram sobre o assunto declararam que, mesmo sabendo ler, um trabalhador normal não teria dinheiro para adquirir um livro. Por outro lado, estudos sobre a posse de bibliotecas concluíram que o típico possuidor de livros era um membro do clero, da burguesia ou da nobreza. No entanto, escrevendo no início do século XVII, Suárez de Figueroa, afirmou que, em meados da centúria precedente, o preço dos livros era tão baixo e o seu número tão abundante, que qualquer indivíduo podia adquiri-los.

77
Como se explica esta contradição?

Referência à parcialidade das fontes que fundamentam os estudos.

A análise de 836 processos da Inquisição de Toledo entre 1570 e 1610 revelou que metade dos possuidores de livros não pertenciam às classes acima apontadas como típicas dos possuidores de livros. Entre estes, os proprietários rurais são os mais numerosos, seguidos pelos artesãos, e depois por mercadores, lojistas, profissionais, hidalgos e padres. Menos de um quarto destes possuidores de livros eram provenientes de centros urbanos de grandes dimensões; um terço vivia em pequenas cidades; os restantes viviam em povoações com menos de 500 fogos.

78
Estes resultados contradizem os estudos que negam a possibilidade dos ordinary workers adquirirem livros. No entanto, os processos de Inquisição fornecem uma pista, ao revelarem que alguns destes «possuidores de livros» diziam já não os ter consigo: afirmam tê-los perdido, vendido ou oferecido, o que aponta para a existência de um mercado de livros em segunda-mão.

79
Graças aos factos de os gostos evoluírem mais lentamente e de os livros serem de elaboração mais cuidada e resistente, uma mesma obra podia mudar de mãos várias vezes antes de se perder o interesse por ela ou de se deteriorar demasiado. Embora pareça provável que os potenciais compradores de livros na Castela do século XVI tenham sido mais numerosos e socialmente diversificados do que à partida se supunha, a relação entre a imprensa e o mercado livreiro pautava-se normalmente em termos da cultura das elites.

80
Keith Whinnom (1980) afirma que a imaginative literature, os grandes romances e obras poéticas do Siglo de Oro são apenas uma parte (a subset) da literatura espanhola deste período. Chama ainda a atenção para o facto de que as obras quinhentistas que os leitores do século vinte valorizam não são necessariamente as que o público seu contemporâneo mais apreciava.

Tendo estes dois factores em conta, K. W. tentou identificar os best sellers do século XVI. Chegou à conclusão de que a «Golden-Age printing [was] dominated by prose non-fiction, devotional, moralising and historical works».

Os autores mais populares não eram nem Cervantes nem Lope de Vega, mas os autores religiosos, como Frei Luis de Granada ou Antonio de Guevara.

Quanto à imaginative literature, se considerarmos num mesmo conjunto todas as edições do Amadis de Gaula e as suas sequelas, o género cavaleiresco, condenado pela crítica, surge como o género de ficção mais popular do Siglo de Oro, superado apenas em número de edições pelo maior best seller de sempre de Granada, o Libro de la Oración.

Whinnom descobriu igualmente entre as obras mais vendidas traduções ou imitações das obras mais populares nos países do norte da Europa na Baixa Idade Média: obras sobre o amor cortês, a cavalaria, as artes moriendi e as hagiografias.

81
Referência ao peso sobre o mercado livreiro dos leitores preocupados, antes de mais, com o bem-estar espiritual. Estes leitores, homens e mulheres, procuravam aprender, pelo exemplo e imitação, algo sobre a condição humana, descrita nas obras hagiográficas e explicada nos espelhos da vida cristã. Importante é o facto de que esta preocupação não conhecia barreiras de estado ou classe, afectando todos os indivíduos.

Os intelectuais espanhóis do século XVI deixaram-nos as suas queixas face à resposta dos editores às procuras menos eruditas destes leitores marginally educated:

Miguel de Eguía (1525): «printing shops bring out vulgar and even obscene songs, inept verse and even more illiterate books». Em consequência, era difícil aos autores desta época ver publicados os seus estudos, não só por causa da censura inquisitorial, mas também porque o público de letrados a que se destinavam não era suficientemente numeroso para tornar lucrativa uma edição.

82
Importância dos impressos (que não livros), vendidos a preços muito reduzidos. Exemplos:
contratos,
tabelas de impostos,
éditos reais,
certificados de confirmação ou excomunhão,
orações e hinos religiosos,
poemas e baladas seculares,
histórias cómicas.

83
Os inventários de algumas lojas revelam a presença em grande proporção dos livros mais procurados, e um stock menor de obras relacionadas com o Cristianismo humanista e as preferências renascentistas.

84
III. Literary preferences of readers from the diocese of Cuenca
(estudo feito a partir da análise de processos da Inquisição e dos inventários da livraria de Guillermo Remón)
As respostas dos 91 processados concordam com as tendências de leitura registadas no mercado livreiro de Castela.

85
Entre os clássicos, que constituem 15 % do inventário da livraria de Remón, os preferidos são Cícero, Virgílio e Terêncio.
A forma como os indivíduos se referem às obras que leram ou possuem revela bastante da sua atitude perante os livros: referem-se sobretudo ao conteúdo mais evidente de cada obra, raramente indicando o autor. O que consideram mais importante é o objectivo que cada obra pretende atingir, ou o fim com que procederam à sua leitura. Os romances de cavalaria, cujo nome nunca era especificado, eram entendidos como «livros para passar o tempo». Quando o autor de uma obra é referido, isso acontece por ser ele a razão principal de ela ter sido lida. O grupo de autores que compreendia Frei Luis de Granada, São Vicente Ferrer e Martín Azpilcueta («el navarro») tinha-se tornado a cultural baggage of the day.

86
Os autores eram sistematicamente nomeados quando se tratava de obras das autoridades escolásticas, que se destinavam a profissionais como cirurgiões ou padres. Quando a posse de livros é relacionada com o estatuto sócio-profissional dos leitores, começam a aparecer distintamente padrões de preferências literárias. O uso mais comum do livro era o de auxiliar na devoção religiosa privada.

87
Referência à cuidada vigilância da Inquisição sobre todas as obras de conteúdo religioso.
Após o grupo dos leitores de livros devocionais (mais numeroso, e que incluía também os indivíduos das classes mais baixas), seguem-se os dos que possuíam livros úteis à sua profissão e os leitores de romances de cavalaria. Os textos clássicos e dos humanistas atraíam um menor número de leitores.

88
A popularidade dos romances de cavalaria pode relacionar-se com o fascínio que exerciam o estatuto e os ideais da nobreza sobre os indivíduos em geral. Estas obras foram particularmente apreciadas pelos jovens e pelas mulheres. Durante a sua juventude, tanto Inácio de Loyola como Teresa de Ávila e Carlos V foram grandes apreciadores deste género literário.

89

Referência à leitura em voz alta como forma de contacto com a literatura (frequentemente, caballerías) mesmo para os que não possuíam quaisquer livros.

Conclusão de que, para além do estatuto sócio-profissional , os factores sexo ,idade ,estado civil egosto pessoal são igualmente importantes sobre a relação dos indivíduos com as obras literárias.

Os possuidores de obras de literatura humanista e clássica, por exemplo, tinham, em média, 26 anos, eram solteiros e estavam na escola ou a preparar-se para se tornarem clérigos.

90

A chamada literatura efémera (impressos como orações, baladas, etc.) tinha sobretudo dois tipos de leitores: os mais jovens, que estavam a aprender a ler, e os marginal literate poor , que podiam ler um texto simples, se este lhes interessasse.

IV. The uncertain legacy of the Counter-Reformation

O uso mais importante da literacia popular durante o século XVI foi provavelmente a facilitação de uma devoção religiosa pessoal e privada. Nisto, os fiéis espanhóis não são diferentes dos seus contemporâneos do norte da Europa. No entanto, enquanto que, por exemplo, em França, os livros de horas eram a base desta devoção, em Castela os livreiros e leitores preferiam obras contemplativas e ascéticas, que desenvolveram uma religião ainda mais pessoal (o que não podia deixar de suscitar a suspeita dos Inquisidores).

92

Em 1573, os livros de horas foram totalmente banidos, acusados de fazerem circular as Escrituras em vernáculo.

Difusão da ideia de que a leitura podia conduzir à heterodoxia.

Importância do uso da leitura como forma de diversão (que alarmou igualmente moralistas e teólogos).

Para além da Inquisição, também a Coroa espanhola legislou com a intenção de controlar a produção de livros, conseguindo-o sobretudo através das taxa eaprobación preços e licenças reguladas pelo governo para a impressão de livros nos reinos.

93

A imoralidade atribuída à leitura reflectiu-se em campanhas feitas pelo Conselho de Castela durante o século XVI, e na proibição por Carlos V , em 1531, da leitura de ficção pelos ameríndios, para os impedir de ganharem os maus hábitos dos europeus. Em 1555, Filipe II tenta estender esta proibição ao próprio reino de Castela.

O rápido crescimento da popularidade do teatro profissional conduziu, em 1597, o Conselho de Castela a impor as primeiras censuras sobre a produção teatral de peças, e ao longo de todo o século XVII, teólogos e moralistas atacaram repetidamente o teatro, enquanto ameaça à moral pública e à ordem social.

Após um século de expansão, em 1600 o fenómeno da leitura popular estava sob um vigoroso ataque, por ameaçar a saúde religiosa e moral da sociedade.

94

Até esse momento, ninguém questionara se a o crescimento das escolas tinha conduzido à revolucionária expansão da literacia. No entanto, no contexto de crises da última década do século XVI, alguns castelhanos, incluindo membros do governo, começaram a questionar seriamente a utilidade do ensino, notando que a educação popular encorajava falsamente a mobilidade social e motivava o desprezo pelo trabalho físico produtivo. Esta opinião levou, no seu extremo, à promulgação de uma lei, em 1623, que restringia o ensino do Latim às grandes cidades, obrigando ao encerramento das pequenas escolas. A lei, combinada com a crise económica, teve um efeito desastroso sobre o ensino secundário. Das 4 000 escolas de Latim contadas no início do século, sobreviviam menos de uma centena passados cem anos.

... one must wonder what became of the tiny primary schools, free-lance masters and their clientele, the farmers and rural artisans of Castile. The collapse of rural primary schools would mean the end of popular literacy and depression in the printing industry.

A segunda metade do século XVII marcou de facto o ponto mínimo na produção livreira em Espanha.

Seria um exagero atribuir toda a responsabilidade deste retrocesso na educação aos ideólogos da Contra-reforma; a crise económica e social teve necessariamente importância nesta evolução.

Tal como sucedeu noutros países, o aumento da literacia no período altomoderno esteve intimamente ligado à vontade e à disponibilidade dos municípios para sustentar escolas locais, tal como se relacionou com os ditames da consciência religiosa e o invento da imprensa.